

REVIVESCÊNCIA DE UMA DANÇA BAKAIRI *

James Wheatley

(Summer Institute of Linguistics)

A tribo Bakairi, grupo Caribe que habitava primitivamente a região do rio Xingu, está atualmente representada por aproximadamente 250 pessoas que vivem no Pôsto Simões Lopes do S.P.I. e cercanias, no Estado de Mato Grosso. A tribo já está relativamente aculturada, tendo abandonado muitos dos seus traços culturais aborígenes e adotado os da vizinha população brasileira. Os membros da tribo são na maioria bilingües e geralmente tidos como semicivilizados. Alguns dêles expressaram a opinião de que, já que haviam adquirido a civilização, deveriam abandonar a prática de suas danças rituais. Há alguns anos estas são realizadas só esporadicamente. No entanto, por ocasião de uma estada de cinco semanas em fins de 1963, o autor teve a oportunidade de presenciar a revivescência de uma dança ritual bakairi.

No mês de novembro, época em que geralmente se está em plena estação das chuvas, chovera apenas duas vezes ligeiramente e as colheitas começavam a morrer. Era uma situação muito séria para os Bakairi, que dependem da mandioca para o seu sustento. A crise foi enfrentada por meio de uma invocação a *Yamara*, espírito importante que fala pelo trovão e se distingue dos meros espíritos dos mortos.

Pouco depois do eclipse da lua de novembro, após a lua cheia, a mulher de Vicente observou: "O sol está feio porque tem a cabeça vestida". No dia seguinte um grupo de homens começou a construir uma casa de dança em frente da casa do chefe das danças. Media aproximadamente três metros por cinco e era feita de folhas de palmeira amarradas a uma estrutura de varas, de maneira semelhante aos abrigos temporários para excursões de caça. O tipo de palmeira usado para o trançado não era o mesmo que se usa para os lares permanentes.

Um dos homens mais velhos, Apano, chefou a construção da casa de dança, auxiliado no trabalho por um grupo de rapazes e meninos. De modo geral os que auxiliavam na construção eram os que mais tarde participavam na dança. Às mulheres proibiu-se estritamente que participassem da pre-

(*) As pesquisas entre os índios Bakairi foram feitas em virtude do Convênio Museu Nacional — Summer Institute of Linguistics.

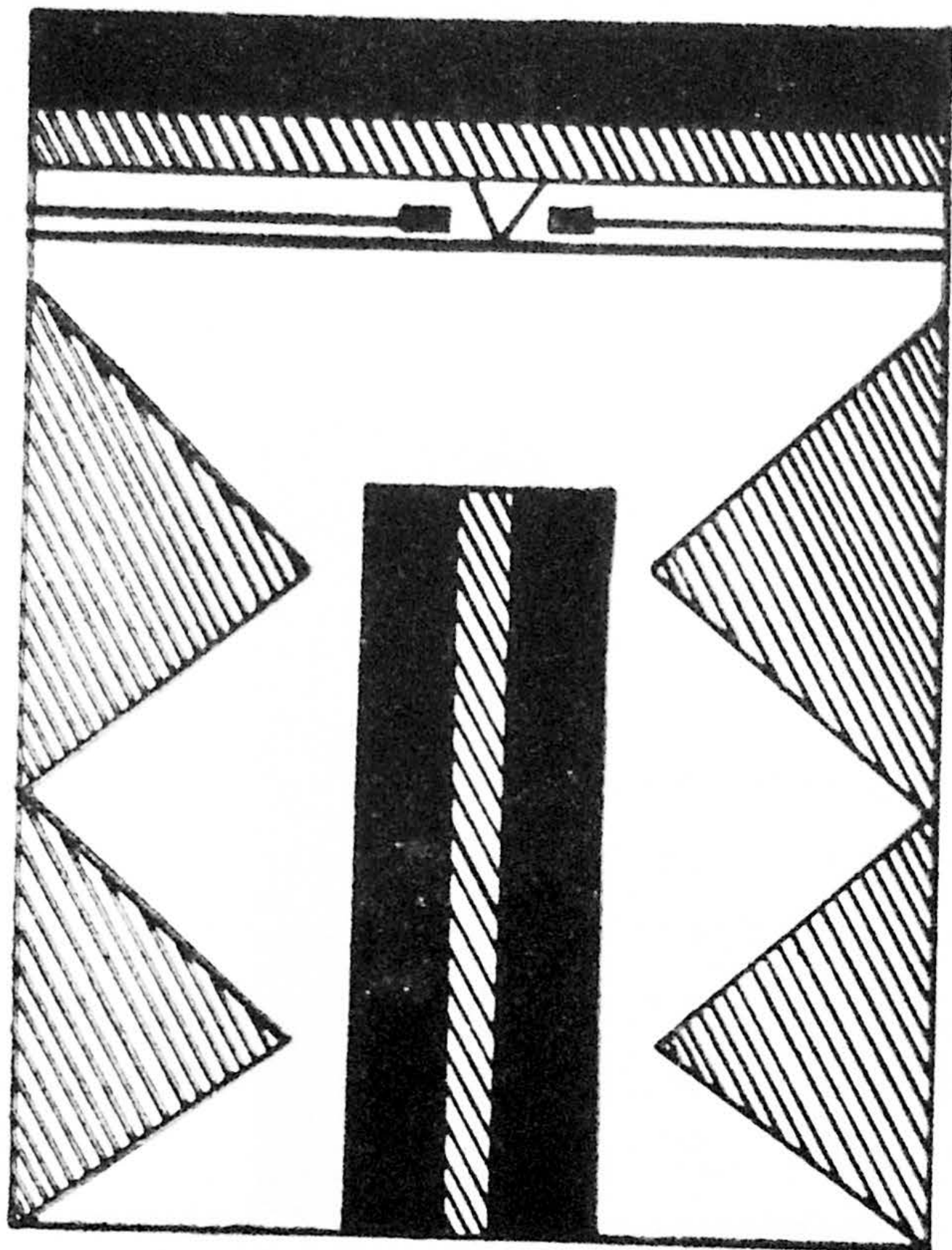
paração ou das danças, e após o anoitecer não lhes era permitido sair de casa. Cabia a elas, porém, fornecer comida e bebida aos homens, quando solicitadas.

Além de Apano, incluíam-se dentre os que pareciam desempenhar papéis importantes no cerimonial os seguintes: Ramiro, homem de seus cinquenta anos de idade, conhecido como o melhor pescador da tribo, era o chefe da dança. Era o responsável pela comida, mas não dançava. Antônio Brasil, também de uns cinquenta anos de idade, tinha bastante autoridade sobre os participantes e influenciava diversas decisões a respeito das danças. Honório, de 47 anos aproximadamente, é homem influente e ensinava as canções aos mais jovens. Vicente, com cerca de 35 anos de idade, era o xamã principal; vestia durante quase todo o tempo a importante máscara *kuambĩ* e, ao que parece, era quem propriamente dirigia a dança. Militão, de 45 anos de idade aproximadamente, é o chefe da tribo, mas não tomou parte nas danças, tendo aparentemente pouca atuação nos procedimentos.

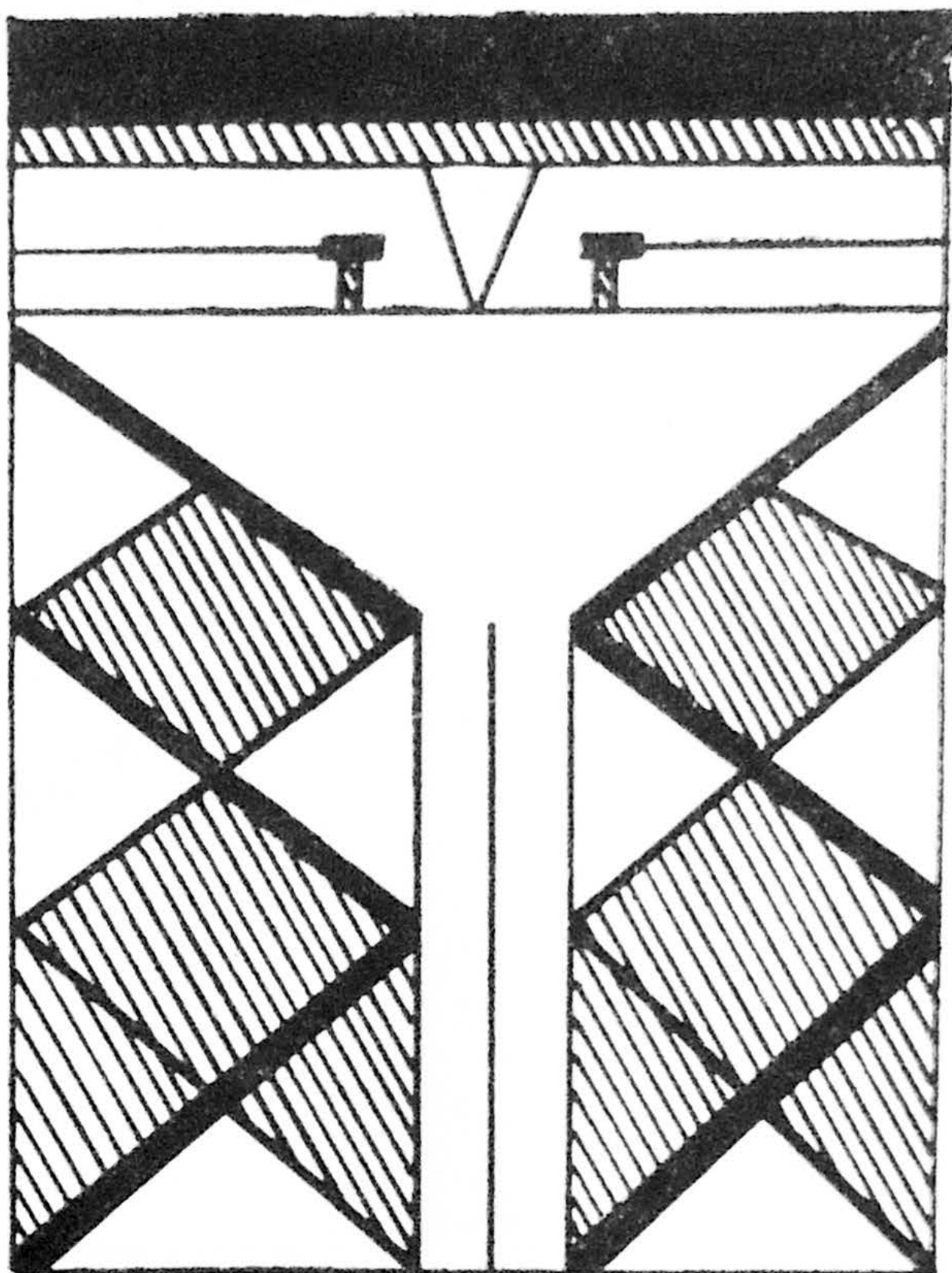
Quando a casa de dança estava para ficar pronta, alguns homens começaram a reparar as máscaras, que haviam sido guardadas numa bolsa de pele de vaca do lado de fora da casa do chefe das danças. O trabalho foi feito na casa do genro do chefe das danças. A maior parte das máscaras é feita de um pedaço de madeira leve de balsa, com meia polegada de espessura e medindo 12 polegadas por 15. São pintadas com urucu, cinzas e polvilho misturado com água, resultando três cores, vermelho, preto e branco. A máscara principal, *kuambĩ*, é duas vezes maior que as demais, sendo feita de saco de estopa com varetas como divisores para o nariz. Além das máscaras, os participantes da dança usavam saias de casca de buriti, que davam três voltas ao redor da cintura e caíam até os tornozelos. Às máscaras prendiam-se mais cascas de buriti, pendentes sobre as costas do dançarino até abaixo da linha da cintura. As sete máscaras eram diferentes uma da outra (v. figs. 1 e 2), e tinham cada uma seu nome e seu proprietário.

Parecia haver um uso preferencial de certas máscaras por certos indivíduos, porém cada máscara podia ser usada por indivíduos diferentes em momentos diferentes, sendo que cada um não usava sempre a mesma máscara. (A *kuambĩ*, por exemplo, é usada por qualquer um dos xamãs, e não pode ser usada por quem não seja xamã). A dança tinha início geralmente no meio da tarde, após o trabalho nas roças, mas isso não se deu diariamente durante o período de cinco semanas. O dançarino, completamente vestido ou de calção apenas, devia colocar a máscara e ir à casa do dono desta, onde tomava uma bebida ou de arroz ou de mandioca antes do início da dança.

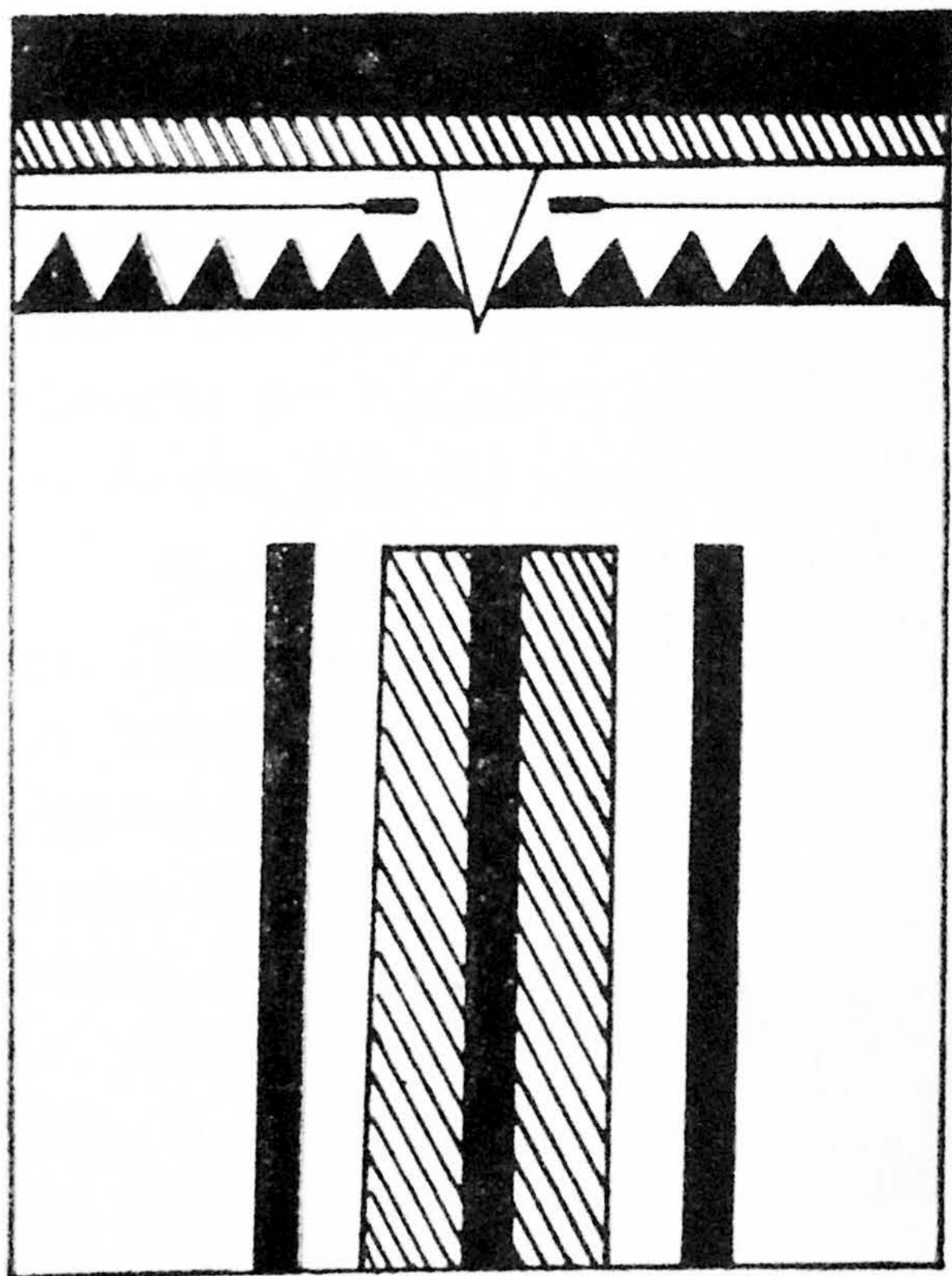
A dança era a princípio individual, à tardinha era feita aos pares e finalmente o grupo todo dançava junto. Ao retirar-se da casa de danças,



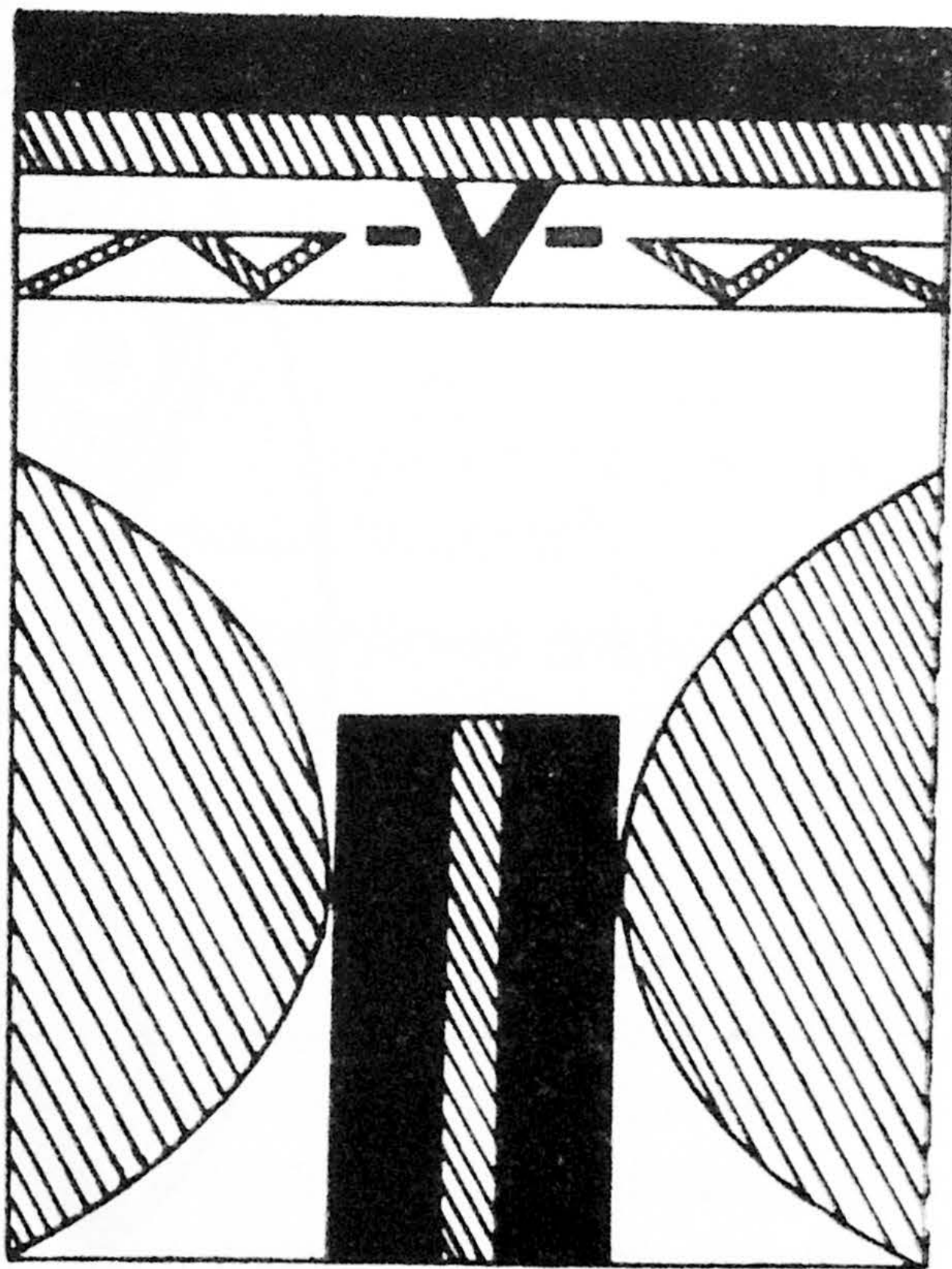
panrim



kunahu

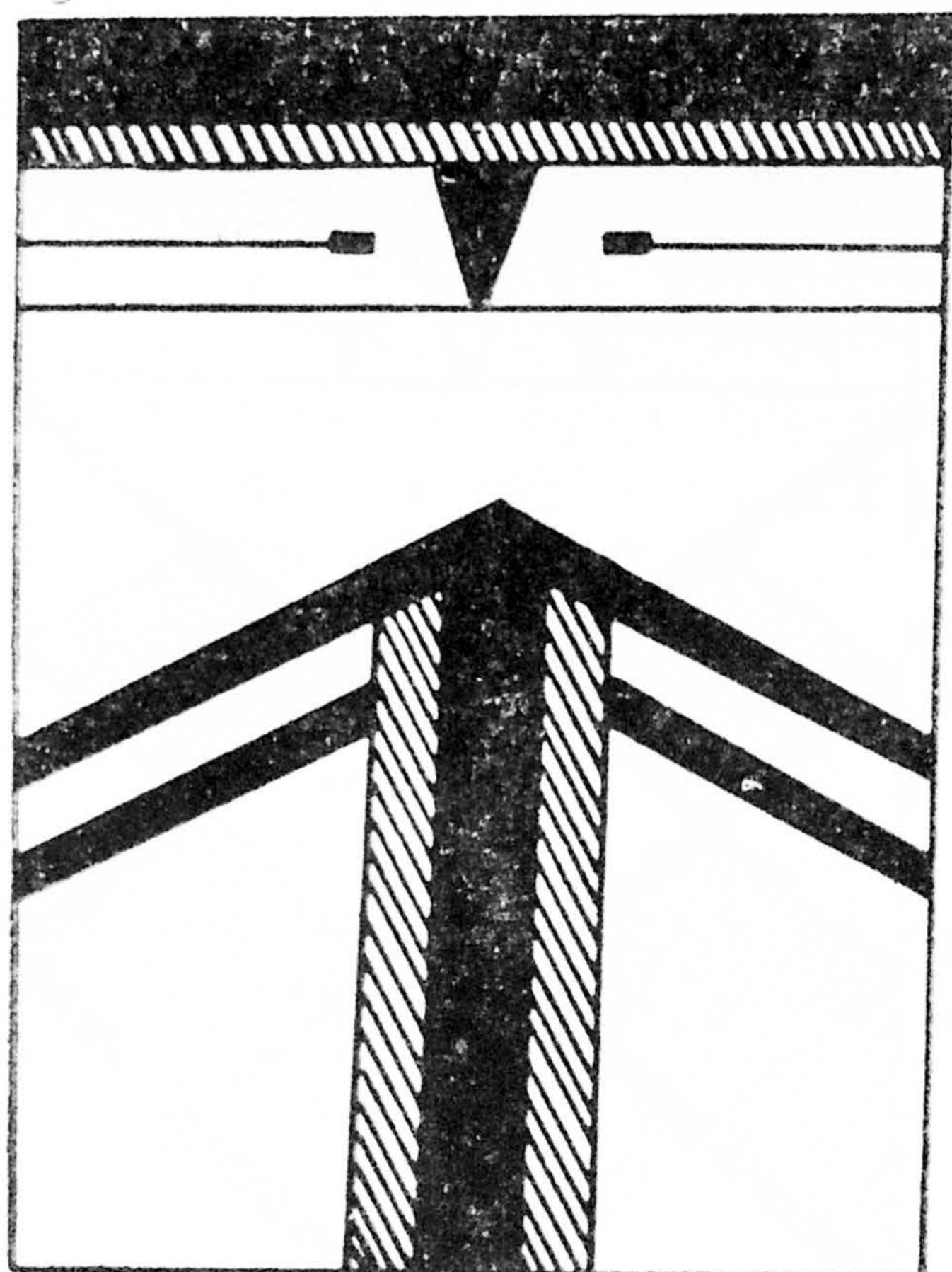


mareti yeri

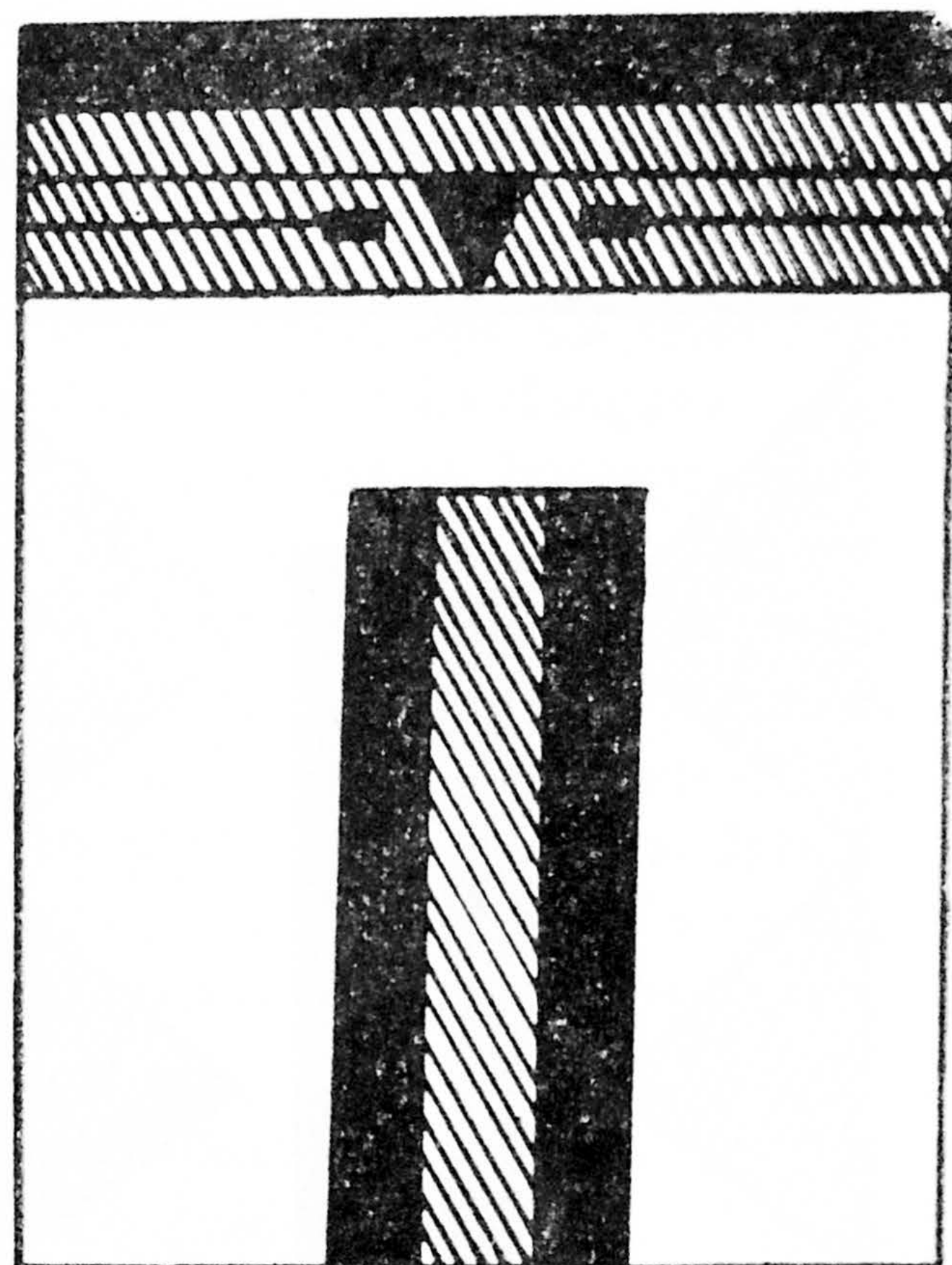


yakua

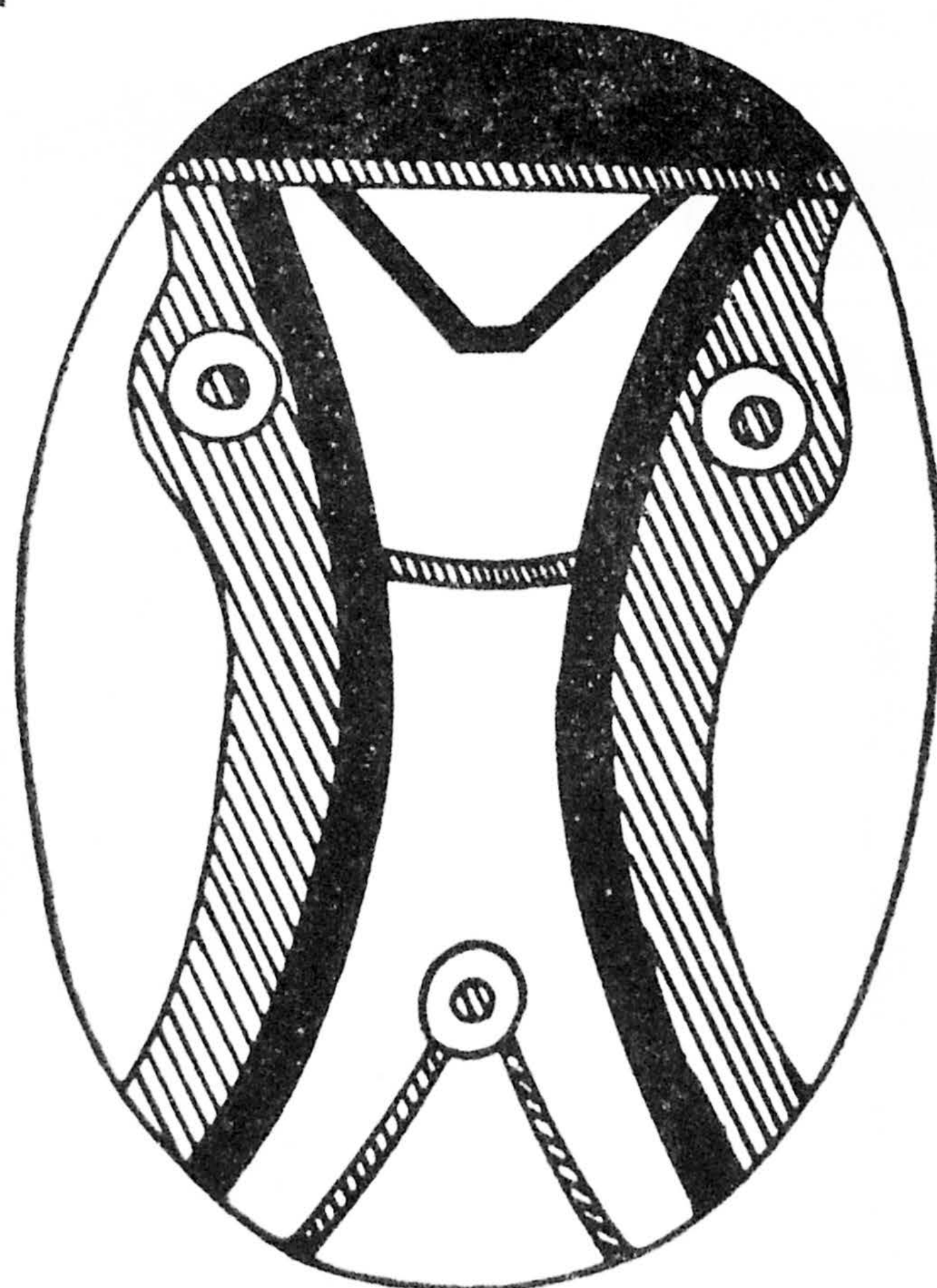
Fig. 1 — Mácaras dos Bakairi



matola



pili



kuambi

Fig. 2 — Máscaras dos Bakairi

o indivíduo ia dançar na casa do chefe das danças. De lá dirigia-se sucessivamente a onze casas diversas, onde dançava. (v. fig. 3). Não se conhece o critério de escolha dessas onze casas, mas não há relação com as casas dos donos das máscaras. Terminada a volta pelas onze casas, o indivíduo finalmente tornava a dançar na casa do chefe das danças.

Entrando numa casa, o dançarino dava um grito e começava a dançar para diante e para trás, à vista do lado de fora. A dança se acompanhava de cantos, balanceios dos quadris e batidas rítmicas do pé direito. A cada máscara estava associado um dado canto. Tendo dançado algum tempo numa casa, o dançarino dava um grito e saía para a casa seguinte no circuito.

A dança costumava durar de duas a cinco horas, dependendo do cansaço dos dançarinos. Na última meia hora o grupo inteiro dançava em conjunto de casa em casa. Nessa ocasião, *kuambĩ*, que nunca dançava só, os liderava. A intervalos, o grupo interrompia o circuito e passava a dançar em fila, com *kuambĩ* à testa. A este ponto *kuambĩ* dava meia-volta e ia dançar frente a frente com o seguinte na fila. Um ou dois minutos depois, este por sua vez faz meia-volta e dança frente a frente com o terceiro da fila. E assim prosseguem sucessivamente até chegar ao último da fila, e depois de volta até *kuambĩ*. O grupo então retoma a dança de casa em casa. Em cada casa era feita num movimento circular na direção dos ponteiros do relógio, acompanhada de cantos em uníssono. Geralmente isto se repetia duas vezes antes de se passar para a casa seguinte. Completado o circuito das onze casas, o grupo voltava a dançar na casa do chefe das danças e finalmente, em geral tarde da noite, retornavam à casa de danças. Aí gritavam em cântico, dando o sinal de que a dança terminara por aquele dia, e tiravam as máscaras, deixando-as penduradas. A dança nunca era praticada na própria casa de danças, embora ali pudessem “treinar”.

No meio da semana a dança era esporádica, tornando-se mais intensa nos fins de semana, quando maior número de homens estava presente. Os homens que não participavam da dança ficavam sentados em volta da fogueira, conversando. O que usava a máscara *kuambĩ* só dançava com o grupo inteiro. Enquanto se realizava a dança individual, *kuambĩ* geralmente ficava vagando pela aldeia, assustando as crianças e pedindo comida. Era-lhe permitido chegar-se a qualquer casa e pedir comida ou bebida, o que expressava por meio de um gesto da mão sobre o estômago — um tipo de gesto para expressar sede e outro para fome. A dona da casa devia então dar-lhe coisas tais como beiju, arroz, frutas ou água. *Kuambĩ* veio inúmeras vezes à casa do autor, querendo queijo, que era considerado uma iguaria. Além de Vicente, que geralmente usava a máscara *kuambĩ*, havia mais três rapazes a quem era permitido usá-la. Diziam que essa máscara fazia parte de um conjunto de quatro máscaras especiais. As outras três não foram feitas por ocasião dessa dança.

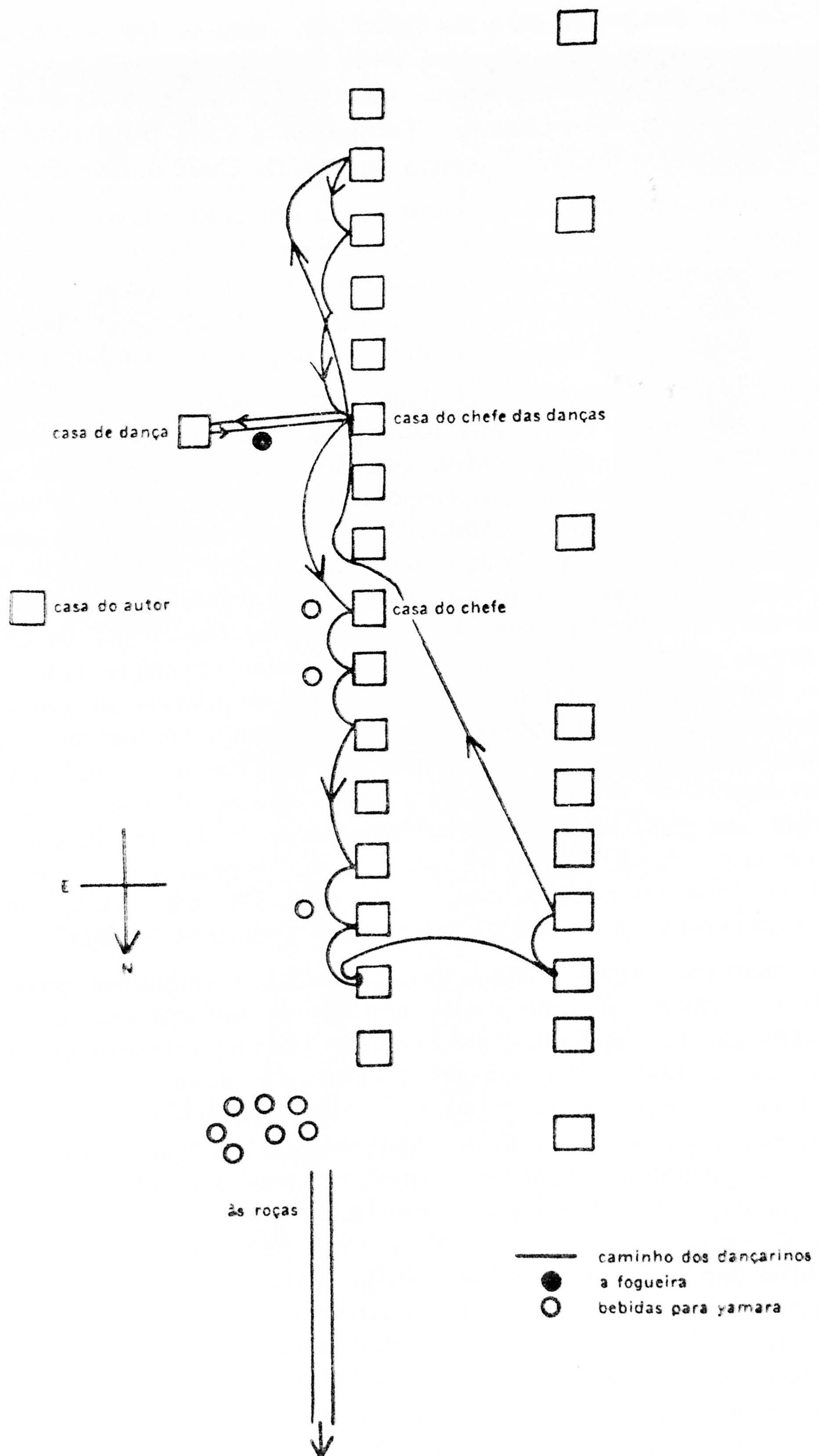


Fig. 3 — Diagrama da dança kuambi

De tempos em tempos (geralmente aos sábados), realiza-se um dia de trabalho comunal, em que os homens vão em grupo trabalhar nas roças. Nos dias de trabalho que coincidiam com o período das danças, os homens usavam as máscaras quando saíam para o trabalho. Na véspera dançavam a noite inteira, saindo cedo para o trabalho, guiados por *kuambi*. O seguinte na fila era um ancião usando a máscara *matola*, seguido por *pili*, *panrim*, *kunahu*, *mareti yeri* e *yakuna*, nessa mesma ordem. Alguns levavam enxadas ao ombro e outros iam com cestas às costas, amarradas às máscaras. Saíam da aldeia, dançando e cantando, mas assim que estivessem fora de vista da aldeia, tiravam as máscaras, deixando-as penduradas nas árvores. Dali prosseguiram para as roças da maneira habitual, embora alguns dos anciãos continuassem cantando.

Nesse ínterim, um grupo de homens não usando máscaras constituíam-se em fila, de mãos dadas, e dançava para diante e para trás em frente das diversas casas da aldeia. A dança devia continuar até que a dona da casa lhes trouxesse beiju, mangas ou bebida de mandioca. Depois de repartirem entre si essas dádivas, prosseguiram para outra casa, repetindo a dança e recebendo alimento ou bebida várias vezes, após o que se retiravam, ainda de mãos dadas e cantando, para se reunirem ao restante dos homens a caminho das roças.

Na volta das roças, os homens que haviam usado as máscaras vestiam-nas novamente e entravam na aldeia cantando. O homem encarregado do dia de trabalho, juntamente com o chefe das danças, acompanhava os dançarinos, guiando-os para dentro da aldeia. Ao atingirem um ponto de onde eram visíveis da aldeia gritavam "Devolvam!", e as mulheres corriam para fora, depositando no chão cabaças de "água de mandioca" perto dos dançarinos que chegavam. A "água de mandioca" destinava-se a *Yamara*, o espírito principal. Os dançarinos entravam na aldeia balançando os quadris, dançando e batendo os pés. Passavam pelas cabaças de "água de mandioca" e seguiam para a mais próxima das onze casas em que se realizara a dança. Ao entrar na casa, cada um dava um grito e o grupo começava a dançar. A dona da casa então oferecia comida ou bebida a um determinado dançarino (talvez o que estivesse usando a máscara pertencente àquela casa ou àquela família). A dádiva era levada à casa de danças pelo próprio dançarino ou por um menino. Depois a dança prosseguia de casa em casa até chegar à casa do chefe das danças. Dali o grupo ia terminar a ronda na casa de danças, mesmo se não tivessem chegado a entrar em todas as onze casas.

Nesse ínterim, os meninos de oito a dez anos de idade haviam saído para encontrar-se com os outros homens. Estes tinham seus rostos cobertos de cinza, especialmente dois dos mais jovens, que a tinham em maior quantidade. Entrando na aldeia, punham-se numa fileira, de mãos dadas, e cantavam "ari yonrunzaze kanretoim" (significado desconhecido).

Quando os dançarinos usando máscara saíam da primeira casa, este outro grupo, ainda cantando de mãos dadas, começava a dançar em frente de várias casas, como haviam feito antes de sair para o trabalho. Iam recebendo comida e bebida, inclusive vasilhas com peixe cozido ou carne, que levavam à casa de danças para um banquete, após o qual levavam para casa a comida que sobrava, para as famílias.

Depois de cinco semanas de danças intermitentes, o cerimonial foi interrompido. Os Bakairi pareciam satisfeitos com o resultado.

Chovera.

(Tradução de Miriam Lemle)